



REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Abril de 2026 – Nº 64

ISSN 1518-1766

CADERNO ESPECIAL



ALB



REVISTA DA ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA

Abril de 2026 — Número 64

CADERNO ESPECIAL

CONCURSO DE REDAÇÃO CRIATIVA
ALB 2025

PROGRAMA DE APROXIMAÇÃO COM AS ESCOLAS
ANO II



ISSN 1518-1766

Copyright © by Academia de Letras da Bahia, 2026
ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA
Avenida Joana Angélica, 198, Nazaré
40050-000 – Salvador, Bahia, Brasil
Telefax (71) 3321-4308
www.academiadeletrasdabahia.org.br
contato@academiadeletrasdabahia.org.br

Diretor da Revista

Fernando da Rocha Peres

Coordenador Editorial

Aleilton Fonseca

Editoração

Elimarcos Santana / Via Litterarum Editora

Ilustração da capa:

Cena de Cotidiano e de Caça. Painel de azulejo. Primeira metade do século XVIII.
(Academia de Letras da Bahia). Foto: Aleilton Fonseca.

Brasão da ALB:

Ir. Paulo Lachenmayer, OSB

Revista Anual de Literatura, Artes e Ideias

As informações e opiniões, assim como a redação, a revisão
e o cumprimento das normas da ABNT para os artigos e periódicos,
referências e citações, são da inteira responsabilidade dos autores.
(A Direção, 2026)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

Revista da Academia de Letras da Bahia / Academia de Letras da Bahia.
– Ano 1, vol. 1, n. 1 (Ago. 1930). – Salvador: Academia de Letras da Bahia, 1930 –

A partir do número 25 foi retirado ano e volume.
O ISSN começou no número 44.

Anual
ISSN 1518-1766

1. Literatura brasileira – Periódicos . I. Academia de Letras da Bahia.
II. Título.

CDU 869

Ficha Catalográfica elaborada por Gislene Soares Guerra CRB-5/1382
IMPRESSO NO BRASIL

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO

ESCREVER É SONHAR

ALEILTON FONSECA 5

APRESENTAÇÃO DO PAE-ALB

PUBLICAÇÃO DAS REDAÇÕES VENCEDORAS

PATRICIA SI BARRETO 7

ATA DA AVALIAÇÃO E RESULTADOS DO CONCURSO DE REDAÇÃO CRIATIVA ALB 2025*

(Projeto Aproximação com as Escolas Ano II) 691

Redações

CONFLITOS AGRÁRIOS NO BRASIL

NATHÁLIA DE SANTANA ALVES 13

O PROBLEMA DOS CONFLITOS AGRÁRIOS

YASMIM VITÓRIA VIEIRA DE JESUS 15

OS EFEITOS DA TECNOLOGIA

MARIA LUÍZA DOS SANTOS SILVA 17

AS REDES SOCIAIS

THIAGO SILVA CARVALHO 19

À DERIVA ATÉ O PERTENCIMENTO

ALÍCIA GABRIELLE RIBEIRO FERREIRA 21

O CAMPO

RAIANNE ALVES SILVA 26

FICHA TÉCNICA DO PROJETO 29

INTRODUÇÃO

ESCREVER É SONHAR

ALEILTON FONSECA

Escriver é sair de si mesmo e buscar os outros. É achar o nome das coisas, o lugar da estante, imaginar o rio que atravessa a vida quando tudo parece monótono. É, no instante que cada frase surge, se devolver para si mesmo. Escrever é sonhar uma realidade melhor, mais humana, justa e solidária.

O Concurso de Redação Criativa da ALB nasceu dessa certeza: a escrita é ferramenta para a vida. Não só para nota, não só para vestibular. Para a vida. Quem nomeia as coisas, não se ausenta dos sentidos do mundo. Quem narra o que pensa e imagina, não se perde de si mesmo e consegue dialogar com os outros.

Este caderno especial da Revista da ALB nº 64 reúne as redações vencedoras do Concurso de Redação Criativa ALB de 2026. São textos de jovens estudantes que foram convidados e convidadas a se expressar. São textos que nasceram do risco, do desejo, da busca de ideias próprias, com a coragem de criar sentidos. Cada estudante que está aqui aceitou o convite mais antigo da literatura: olhar para dentro de si e poder ver a realidade e dizer o mundo.

O concurso importa muito porque dá voz e visibilidade. Os jovens escrevem todo dia na escola, no caderno, no celular, na cabeça. O concurso diz: "isso tem valor, isso merece ser lido". E ser lido muda tudo. Escrever requer a atenção ao mundo. Os poetas dizem o mundo, revelando a sua poesia

espalhada em todos os lugares. Com olhar crítico atento. Escrever obriga o olhar a ir além. Quem aprende a escrever bem, vive melhor seu percurso individual e coletivo na existência.

A escrita não adivinha o futuro. Ela revela o presente. Mostra como os jovens estão antenados ao cotidiano, prestando atenção ao mundo que logo vão comandar. Podem estabelecer desde já seu poder de cidadania, expressando esperança e descrença, visão crítica e reflexão, aceitação e recusa. Ler estes textos é ler propostas de uma nova geração disposta a construir seus caminhos.

Quem domina a palavra, molda a própria vida. Escreve um e-mail, um pedido de emprego, uma carta de término, um poema de reconciliação. A escrita não é enfeite. É faca, é ponte, é casa. Os jovens criam suas próprias palavras, pois a língua também é território de invenção. E se a ALB defende a criação literária, defende também que cada pessoa caiba na frase. Que ninguém precise se traduzir para existir no texto. A palavra é de quem escreve.

As redações que aqui se podem ler não pedem licença. Elas ocupam a página com corpo inteiro e de forma plural. São prova de que quando a psique muda, a linguagem muda. E quando a linguagem muda, o mundo se alarga.

Que estes textos sejam espelhos e janelas. Espelhos em que cada um possa se reconhecer. Janelas para perceber que há muitos modos de dizer "eu existo".

A vocês que aceitaram o desafio e escreveram os textos, dizemos muito obrigado, com louvor. Que este caderno seja só o primeiro de muitos, pois enquanto houver juventude com palavra pronta no coração, a ALB vai estar aqui com a porta aberta e a folha em branco.

MUITO BOA SORTE A VOCÊS.

Aleilton Fonseca é escritor, professor, doutor em Letras e atual presidente da Academia de Letras da Bahia – ALB

APRESENTAÇÃO DO PAE-ALB PUBLICAÇÃO DAS REDAÇÕES VENCEDORAS

PATRICIA SI BARRETO

A leitura tem um imenso potencial transformador na sociedade, sendo fundamental para o desenvolvimento do pensamento crítico, da empatia e de habilidades cognitivas, especialmente se estimulada na infância e na juventude. Neste sentido, a Academia de Letras da Bahia lançou em 2024 o “Programa de Aproximação com as Escolas”, projeto de ação continuada, que tem por objetivo estreitar relações com as instituições de ensino, através da realização de uma série de atividades, tais como sessões de bate papo, promoção de visitas guiadas ao Palacete Góes Calmon (sede da instituição), doação de livros, dentre outras.

Localizada no bairro de Nazaré, a ALB mapeou as instituições de ensino localizadas em seu entorno e iniciou um diálogo com o Colégio Estadual Mário Augusto Teixeira de Freitas, o Colégio Estadual Senhor do Bonfim e o Centro Estadual de Educação Profissional. Essa interlocução resultou na realização do I Concurso de Redações, que contou com uma pré-seleção feita pelas escolas e a escolha das redações premiadas por parte de uma Comissão de Avaliação formada por quatro membros da ALB. Lançado em 2025, a cerimônia de premiação das redações foi realizada em dezembro deste mesmo ano, na sede da ALB, com a presença do presidente da instituição, dos membros da Comissão de Avaliação, dos discentes e docentes participantes do Concurso e de convidados.

Essa ação resulta agora na publicação deste Caderno, que reúne as redações premiadas e representa um incentivo para que esses jovens escritores continuem estudando, lendo e praticando a escrita, que é uma ferramenta poderosa de autoconhecimento, de engajamento social e de expressão de angústias e sonhos.

Patricia Si Barreto é assessora da presidência da ALB, responsável pela Coordenação Geral do Programa de Aproximação com as Escolas

ATA DA AVALIAÇÃO E RESULTADOS DO CONCURSO DE REDAÇÃO CRIATIVA ALB 2025

(Projeto Aproximação com as Escolas Ano II)

A Comissão de avaliação nomeada pela presidência da Academia de Letras da Bahia, após avaliações pessoais e em grupo, considerando a adequação ao tema "O Papel da Educação na Sociedade Contemporânea", e também, levando em consideração os critérios do concurso, que incluíam seguintes elementos:

Escrita da língua, Coesão estrutural, Coerência temática, Criatividade, Literariedade, Repertório ficcional e Tratamento temático, deliberou coletivamente e proclama os seguintes resultados:

Foram **VENCEDORES DO CONCURSO** os(as) seguintes estudantes:

Colégio Estadual Severino Vieira:
Alícia Gabrielle Ribeiro Ferreira
Raiane Alves Silva

Colégio Estadual Senhor do Bonfim:
Maria Luíza dos Santos Silva
Thiago Silva Carvalho

Colégio Estadual Mário Augusto:
Nathália de Santana Alves
Yasmin Vitória Vieira de Jesus

A Comissão de Avaliação, considerando os méritos evidenciados nos respectivos textos, atribui MENÇÃO HONROSA aos seguintes estudantes:

Colégio Severino Vieira:

Artur Oliveira Santos

Nathalia Maria Paim Oliveira

Sophie Carvalho de Souza

Colégio Senhor do Bonfim:

Ana Luísa da Paixão Miranda

Arley Santos Rocha

João Paulo Souza de Oliveira

Krislana Ramos Mesquita da Silva

Lara N. O. Souza Alvim

Colégio Mário Augusto:

Ana Luiza Ribeiro de Assis

Emanuelle A. Santana

Janna Fontes

Maria Isabele F. Venâncio

Nathalia Carolina Souza Santana

Após a leitura e conferência dos resultados, estes foram, por unanimidade, aprovados e homologados pela Comissão todos os participantes,

Cópias desta ata serão encaminhadas às respectivas Coordenações dos Colégios participantes, sendo a Ata publicada no site e nas redes da Academia de Letras da Bahia.

Para constar, a Comissão de Avaliação lavrou a presente ata que, após lida e aprovada por todos os membros, segue assinada.

Salvador, 21 de novembro de 2025.

Carlos Jesus Ribeiro

Cleise Furtado Mendes

Décio Torres Cruz

Heloísa Prata e Prazeres



Redações

CONFLITOS AGRÁRIOS NO BRASIL

NATHÁLIA DE SANTANA ALVES

Os conflitos agrários no Brasil são uma questão complexa que se entrelaça com a história de desigualdade social e marginalização de grupos vulneráveis, especialmente a população afro-brasileira e indígena. Essas comunidades enfrentam desafios na luta por direitos territoriais e na preservação de suas culturas, pois sua relação com a terra transcende a exploração econômica, tornando suas reivindicações ainda mais urgentes e significativas.

A luta por terras da população afro-brasileira está intimamente ligada à história da escravidão e à formação dos quilombos, que representam resistência cultural. Mesmo após a abolição, muitos quilombolas enfrentam dificuldades para obter a titulação de suas terras, frequentemente ameaçadas por grandes empreendimentos. A ausência de políticas públicas eficazes agrava essa situação, perpetuando a exclusão e a vulnerabilidade. Assim, esse grupo busca não apenas a posse da terra, mas também o reconhecimento e a valorização de suas culturas e modos de vida.

Os povos indígenas enfrentam um cenário alarmante: a expansão agrícola e a exploração de recursos invadem suas terras, violando direitos constitucionais. A conexão com a terra é vital para sua cultura e espiritualidade; essa invasão ameaça sua sobrevivência e a biodiversidade. Portanto, a demarcação de terras é uma luta crucial que exige atenção estatal e social para proteger a integridade dessas comunidades e tradições.

Em síntese, os conflitos agrários que atingem afro-brasi-

leiros e indígenas são um reflexo da exploração e marginalização histórica. Para um futuro mais justo e sustentável no campo, é crucial que o Brasil implemente políticas que garantam seus direitos territoriais e promovam sua inclusão na reforma agrária, valorizando suas culturas e práticas agrícolas.

Nathália de Santana Alves, estudante, participou do concurso representando o Colégio Estadual Mário Augusto Teixeira de Freitas

Professores/Coordenadores: Lydia Rita Machado de Brito, Nana Karini Lopes Carvalho

O PROBLEMA DOS CONFLITOS AGRÁRIOS

YASMIM VITÓRIA VIEIRA DE JESUS

“Ninguém respeita a constituição, mas todos acreditam no futuro da nação”. A frase icônica da Legião Urbana, apesar de refletir a realidade política e social do Brasil, pode ser reinterpretada para destacar os sérios problemas dos conflitos agrários e das populações afro-brasileira e indígena que vivem no campo. Nesse sentido, torna-se imperativo discutir estratégias eficazes para enfrentar essa questão, articulando espaços legislativos e educativos que assegurem um desenvolvimento pleno.

Inicialmente, percebe-se que a perpetuação do imbróglio está diretamente ligada à não efetivação dos direitos territoriais e culturais dos povos indígenas por meio da legislação. Nesse contexto, a Constituição Federal de 1988 estabelece esse princípio como fundamental e inerente a todos os brasileiros, devendo, portanto, ser amplamente garantido. No entanto, essa falha ocorre devido às insuficiências estatais na promoção e desenvolvimento de campanhas de mídia que promovam a cultura e os direitos dos povos indígenas. Assim, essa deficiência configura uma das principais causas do problema.

Ademais, é imperioso destacar, em segundo plano, que as lacunas escolares também são um motivo do óbice. Como não há educação de qualidade para preparar o jovem para o fortalecimento das políticas de proteção e demarcação de terras dos povos indígenas, a adversidade persiste nas consequências, como organização de fóruns e debates sobre os direitos e a valorização

dos povos indígenas, os quais são frequentes. Logo, deve-se aplicar o pensamento de Nelson Mandela que afirma “a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo” à mudança do quadro retratado.

Fica evidente, portanto, que são fundamentais a criação de alternativas para amenizar o impasse citado. Para isso, interlocutores da informação, como noticiários televisivos e canais de imprensa em outras plataformas, responsáveis por informar e conscientizar a população, devem promover a relevância do fomento a estudos acadêmicos sobre as diversas culturas e tradições indígenas por meio de vídeos e debates com especialistas na área. Isso com a finalidade de promover o conhecimento. Logo, o sério problema dos conflitos agrários e das populações afro-brasileira e indígena será contido no século XXI.

Yasmim Vitória Vieira de Jesus, estudante, participou do concurso representando o Colégio Estadual Mário Augusto Teixeira de Freitas

Professores/Coordenadores: Lydia Rita Machado de Brito, Nana Karini Lopes Carvalho

OS EFEITOS DA TECNOLOGIA

MARIA LUÍZA DOS SANTOS SILVA

Na atualidade, a tecnologia desempenha papel central na forma como os indivíduos se relacionam, informam-se e trabalham. Entretanto, ao mesmo tempo em que proporciona avanços, seu uso excessivo tem causado impactos negativos na saúde emocional da população brasileira. Tal realidade é preocupante, visto que, segundo a Organização Mundial de Saúde, o Brasil está entre os países com os maiores índices de ansiedade, e as redes sociais são fatores que intensificam esse quadro.

Sob essa perspectiva, é impossível não relacionar a obra “1984”, de George Orwell, em que a vigilância constante gera sofrimento, à superexposição digital atual, que provoca frustração e baixa autoestima. Ademais, dados da Fundação Getúlio Vargas apontam que os brasileiros passam, em média, mais de nove horas conectados por dia, o que reforça a dependência tecnológica e amplia os riscos e o isolamento.

Outrossim, a filósofa Hannah Arendt defende que a liberdade está vinculada à vida em comunidade. Todavia, a tecnologia, em vez de fortalecer vínculos, muitas vezes contribui para o afastamento físico e emocional, intensificando a solidão.

Diante do exposto, é necessário mitigar os efeitos nocivos da tecnologia sobre a população. Para isso, o Ministério da Saúde, em parceria com escolas, deve promover campanhas educativas sobre uso consciente da internet, por meio de palestras e atividades interativas. Além disso, cabe ao Ministério das Comunicações criar regulamentações que obriguem as plataformas a disponibilizar alertas de tempo de uso, auxiliando os cidadãos a

refletir sobre seus hábitos. Assim, será possível preservar os benefícios digitais sem comprometer a saúde mental da sociedade.

Maria Luíza dos Santos Silva, estudante, participou do concurso representando o Colégio Estadual Senhor do Bonfim

Professores/Coordenadores: Marcia Sales, Shirlene Santana, Verena Magalhães

AS REDES SOCIAIS

THIAGO SILVA CARVALHO

“**A**s ferramentas que nos prometiam conexão estão nos tornando mais isolados.” Como afirmou a psicóloga e pesquisadora Sherry Turkle, uma grande confirmação da sua fala é a comparação presente entre os consumidores de redes sociais, tornando-os um público inseguro, com ansiedade e vergonha de si mesmos.

Primeiramente, devemos abordar os impactos que essa problemática tem sobre o público consumidor de internet. Nesse meio, principalmente os jovens são afetados, comparando-se com influenciadores, atores, cantores etc., almejando ser iguais a eles ou obter alguma característica física, tornando a sociedade insegura, sem aceitar seus corpos ou atitudes, fazendo parecer que a vida dos influenciadores é perfeita e sem problemas.

O Estado também recebe sua parcela de responsabilidade, através de propagandas e campanhas de produtos de beleza, prometendo ao público que os consumidores ficarão iguais aos modelos das campanhas colaborativas, embora os próprios modelos tenham passado por alguma alteração, seja por meio de maquiagens ou modificações de imagens através de edição.

Assim, é papel do Estado assegurar que as campanhas publicitárias não sejam artificiais e que passem a transparecer realidade e coerência. Também é papel da comunidade adquirir o conhecimento de que nem tudo o que está nas redes sociais

é real; assim, a sociedade passará a se aceitar, aceitando sua cor, altura, personalidade e corpo.

Thiago Silva Carvalho, estudante, participou do concurso representando o Colégio Estadual Senhor do Bonfim.

Professores/Coordenadores: Marcia Sales, Shirlene Santana, Verena Magalhães

À DERIVA ATÉ O PERTENCIMENTO

ALÍCIA GABRIELLE RIBEIRO FERREIRA

À beira-mar, em confronto com as águas da Barra, Ester estava à deriva em seus pensamentos, questionando-se se algum dia gostaria daquela cidade onde nasceu e cresceu. O som das ondas se misturava à confusão em sua mente, refletindo um coração quebrado pela sensação de não pertencer a lugar nenhum.

Ela sentia um vazio imenso, acreditando que nada ali em Salvador era para si, e indagava-se acerca do que os outros viam naquele lugar que não conseguia enxergar. O tempo corria: em uma semana, iria embora. Talvez fosse o melhor, afinal, pensava consigo mesma em voz alta:

– Quem gostaria de morar em um lugar entediante e sem graça?

Outro país adotaria o seu coração, e então a garota teria uma identidade, se sentiria em casa e feliz. Ester estava empolgada, de maneira que mal podia esperar para partir naquele avião que a arrancaria em breve daquele vazio, para bem longe dali. Seu peito pulava ao pensar que deixaria tudo para trás, pois o que ela teria a perder? Por um instante, naquele fim de tarde, deixou vacilar um pequeno sorriso em seu rosto rosado e bronzeado, enquanto seus cabelos longos deixavam-se levar pela brisa suave que pairava sob aquele crepúsculo. De uma coisa, tinha certeza: ela não olharia para trás...

Ester mal tinha passado pela porta de casa, quando ouvira sua mãe, dona Odete, lhe dizer:

– Você não vai mais.

Por um momento, sentiu seu mundo desabar, sua visão ficou turva, sua respiração acelerada... Seu corpo estremeceu, pois já não sabia mais o que pensar, nem falar, quanto mais fazer! Ester viu o seu sonho se desmoronar bem diante dos seus olhos. Ela se esforçou tanto naquela prova, se empenhou para conseguir aquela bolsa, agora não entraria mais naquele avião, não iria para Londres, muito menos entraria pelos portões de Oxford. Estava tudo acabado...

– Acorde, Ester! Preste atenção!

Assim que Ester se recompôs do transe, sua mãe continuou:

– Não temos dinheiro o suficiente para pagar as despesas da universidade, mesmo com a bolsa – disse dona Odete com pesar.

– Se eu trabalhasse mais, poderia ajudar vocês a pagar! – disse Ester, determinada.

– Uma semana pode não ser o suficiente, minha filha.

– Eu consigo, vou dar tudo de mim!

Ester saiu em um pulo, deixando a sua mãe na sala. Com frustração, entrou em seu quarto, orou, chorou e adormeceu profundamente. Na manhã seguinte, acordou cedo, arrumou-se e foi para a casa da tia, onde trabalhava como babá. A jovem era babá pela manhã, atendente em um restaurante à tarde e, ainda assim, procurava um emprego noturno para juntar o dinheiro necessário para estudar fora, mesmo com os riscos de andar pelas ruas de Salvador à noite.

Ao chegar, foi recebida pelas gêmeas cheias de energia: Laura e Maria. Depois do café da manhã, elas imploraram para ir ao Farol da Barra, e Ester concordou, com a condição de voltarem antes do almoço.

O que diferenciava as meninas era o cabelo: enquanto Laura tinha um cabelo curto e ondulado, Maria tinha um cabelo longo e ondulado. Além disso, em personalidade, embora as duas fos-

sem eletrizantes, Maria era a primeira a ficar esgotada e a mais tímida entre as duas, de modo que qualquer um que não as conhecesse tão de perto diria o contrário, mas Ester estava há dois anos com elas, o que era mais do que suficiente para conhecê-las. Eram como irmãs.

Ao chegarem na Barra, as meninas pediram insistentemente sorvete, e é claro que Ester não resistiria ao charme das duas.

– Certo! Fiquem aqui nesse banco e não se movam! Eu já volto!

Ester se virou para comprar sorvete e, quando retornou, percebeu que as meninas tinham desaparecido. O desespero tomou conta antes mesmo que ela pudesse pensar, e seu corpo agiu sozinho: saiu correndo, com dois sorvetes em mãos, gritando por elas na grande avenida. O coração apertava pela sensação crescente de perda. Depois de algum tempo, finalmente as encontrou, tranquilas, assistindo a uma roda de capoeira em meio a um gramado vibrante e verde, bem próximo ao Forte de Santo Antônio da Barra.

Mas, naquele instante, não foram as meninas nem a paisagem que prenderam a atenção de Ester, e sim os movimentos dentro da roda. Eles eram fortes e intensos, mas ao mesmo tempo leves e harmoniosos, em perfeita sincronia com o som do berimbau. Enquanto os sorvetes passavam para as mãos pequenas das meninas, Ester mal notava como sua atenção estava completamente voltada à dança-luta: nas cambalhotas, nos gritos de surpresa, nas risadas, na energia contagiante das pessoas ao redor. A capoeira vibrava em seu âmago.

Até aquele momento, Ester acreditava que a capoeira era apenas mais uma luta qualquer. Mas, ao presenciar aquela cena, sentiu-se envergonhada por ter duvidado. Era algo vivo, belo, quase mágico. Quando a roda chegou ao fim, um homem alto e forte começou a distribuir panfletos, anunciando a existência de um clube e convidando todos para que conhecessem mais

daquele universo.

O rapaz de vestes tradicionais e cordão amarelo e branco mal tinha terminado de falar e Ester já estava indo falar com ele: com prontidão, deu o número de telefone e disse que estava interessada.

– É um prazer, Ester. Me chamo Adeilson. Te vejo hoje à noite, pode ser? — O rapaz simpaticamente expressou sua resposta.

– Estarei lá!

Muito feliz, Ester segurou a mão das meninas e juntas foram para casa. A brisa daquela manhã estava mais agradável do que nunca em Salvador: “sempre foi assim?”. Ela pensou.

Comprometidamente, Ester foi ao clube de capoeira seguindo o endereço dado pelo professor e, ao chegar, recebeu uma calorosa recepção da comunidade praticante do Pelourinho. Apesar de ser seu primeiro dia, sentiu-se acolhida como parte de uma família, algo que nunca havia experimentado antes.

No dia seguinte, após o treino, o grupo puxou uma roda de samba e, mesmo relutante, ela acabou participando. Entre risadas, passos ligeiros e música agitada, como iniciante, descobriu uma alegria inesperada, desejando que aquela noite nunca terminasse.

Na manhã seguinte, foi caminhar com o pessoal do clube na praia e experimentou, pela primeira vez, acarajé — que se tornou sua nova comida favorita. A cada momento, Ester percebia coisas que antes passavam despercebidas em sua rotina soteropolitana: a beleza do mar e do céu, o farol iluminando a noite, o canto dos passarinhos... Até o calor de Salvador havia ganhado um novo sentido, tornando-se apenas mais um motivo para ir à praia. Algo profundo havia mudado em seu coração.

Faltavam apenas dois dias para Ester ir para Londres, mas ainda não tinha conseguido dinheiro o suficiente, a ponto de suas esperanças estarem quase esgotadas. Quando voltou para casa para se preparar para o turno da noite, foi surpreendida com

uma festa dentro de casa. Havia pessoas do bairro, do clube, até as gêmeas estavam, juntamente com a sua tia. Assim que dona Odete viu a filha, reuniu todos no mesmo cômodo e anunciou:

– Ester, essa é a nossa festa de despedida para você!

– Despedida? Mas nem conseguimos o dinheiro e... —

Ester ficou confusa.

– Todos nessa festa concordaram em ajudar a pagar a sua universidade. Você irá amanhã!

Ester ficou em choque, e antes que percebesse, já estava em soluços, transbordando gratidão. Todos se reuniram e abraçaram-na. O resto da noite foi pura diversão.

De madrugada, Ester chegou ao aeroporto e, ao anunciarem o voo, despediu-se dos pais com lágrimas nos olhos. Com o coração acelerado e a visão borrada pelo choro, caminhou lentamente em direção ao avião, enquanto lembranças vinham à mente – risadas, danças, músicas, brincadeiras, abraços. Quando estava prestes a entrar, olhou para trás e, naquele instante, entendeu que, para se encontrar, era preciso se perder primeiro. Durante anos, ela se sentiu à deriva, mas agora sabia quem era e onde pertencia. Mesmo partindo, Salvador sempre seria seu lar, o lugar para onde poderia voltar, carregando consigo sua verdadeira identidade.

Alicia Gabrielle Ribeiro Ferreira, estudante participou do concurso representando Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão Severino Vieira

Professor/Coordenador: Ivan Pedro Nascimento

O CAMPO

RAIANNE ALVES SILVA

Ninguém gostava de atravessar o campo – uma região bem afastada e desaparecida do que hoje conhecemos por Cidade Baixa – depois do pôr do sol. Era uma extensão larga, irregular, cercada por árvores retorcidas e um capim tão alto que abafava os sons. Durante o dia, parecia apenas uma área abandonada, mas, à noite, ganhava um peso que fazia o ar se tornar mais denso, como se respirar ali fosse perigoso.

A origem do medo se perdia em muitas versões. Alguns diziam que aquele campo tinha sido palco de uma batalha, na qual os soldados mortos foram largados à própria sorte. Outros afirmavam que ali existira uma vila, apagada pela fome e pela peste. Havia ainda quem falasse de rituais escondidos, de sacrifícios que nunca deveriam ter sido feitos. Todos concordavam em um ponto: os mortos não descansavam. Não era à toa que os moradores mais velhos costumavam repetir uma frase, sempre com a voz baixa: "É por isso que o chão respira".

Clara sempre achou essas histórias exagero de gente que não tinha mais o que fazer. Até que, numa noite de junho, foi desafiada pelos amigos a atravessar o campo para provar que coragem não lhe faltava. Riram dela, provocaram-na, mas Clara, para não ser chamada de covarde, aceitou.

O céu estava nublado e a lua, quase escondida, parecia uma lâmina fina. Logo nos primeiros passos, o silêncio tomou conta do local. Não era a calma natural do campo, mas um vazio estranho, como se nem os insetos rondassem aquele lugar. Ela tentou ignorar a sensação e seguir em frente, mas, a cada passo,

o campo parecia ficar mais extenso. O trajeto que, durante o dia, levava menos de dez minutos, já parecia durar o dobro do tempo.

O capim balançava com o vento, mas o barulho vinha atrasado, como se o ruído viesse de longe. Então, veio o primeiro sussurro. Não eram palavras claras, apenas um sopro de voz que parecia adentrar seus ouvidos. Clara se virou rápido, mas não havia nada. Com o coração acelerado, suas mãos começaram a suar frio.

Pouco depois, o vento soprou mais forte, e o capim se inclinou em ondas. Não era o movimento natural. Havia algo caminhando por dentro dele. Ela começou a correr. Correu. Correu. Correu.

A lua se abriu entre as nuvens e iluminou o campo. Foi nesse instante que Clara viu: entre o capim, erguiam-se figuras pálidas, quase transparentes. Rostos sem olhos, bocas abertas murmurando em silêncio, cabeças inclinadas na direção dela. Não eram poucas – dezenas, talvez centenas. Andavam devagar, mas em conjunto, como se o vento os empurrasse.

Clara tentou gritar, mas o som morreu na garganta. O ar se tornava pesado demais. Virou-se e disparou sem parar. A cada curva, pensava que veria a saída, mas sempre encontrava apenas mais capim e mais figuras se arrastando atrás dela.

Quando tropeçou e caiu, sua mão encontrou algo que não era terra. O toque frio e duro revelou uma ossada. Um crânio humano, enterrado pela metade. A boca do osso parecia aberta num grito áfono.

Nesse instante, os murmúrios se transformaram em uma só frase, repetida em todas as direções ao seu redor, como se viesse de dentro da terra.

– Fique.

O pavor quase a paralisou. Clara fechou os olhos e chorou, certa de que seria puxada para o fundo do campo. Mas, quando abriu de novo, estava de joelhos, já na beira da estrada, a poucos metros das primeiras casas.

Não havia mais figuras. O capim estava imóvel.

Cambaleando, ela correu até a casa de Joaninha, sua amiga. Contou tudo, mas ninguém acreditou. Disseram que era a imaginação trabalhando contra ela. Clara não insistiu, mas sabia que não tinha sonhado, porque, no bolso da jaqueta, encontrou um punhado de terra fria. Entre os grãos, havia dentes humanos pequenos e quebradiços.

Desde aquela noite, Clara nunca mais atravessou o campo. Nem de dia! Evitava até olhar em sua direção. Mas, às vezes, quando passava pela estrada vizinha, o vento trazia um eco quase imperceptível. No começo, parecia apenas farfalhar de folhas. Depois, tornava-se claro:

– Fique.

Raianne Alves Silva, estudante, participou do concurso representando o Centro Estadual de Educação Profissional em Gestão Severino Vieira.

Professor/Coordenador: Ivan Pedro Nascimento

FICHA TÉCNICA DO PROJETO

Realização: Academia de Letras da Bahia

Apoio Financeiro: Governo da Bahia, através do Fundo de Cultura, Secretaria da Fazenda e Secretaria de Cultura da Bahia.

Direção Geral: Aleilton Fonseca

Comissão de Avaliação: Carlos Jesus Ribeiro, Cleise Furtado Mendes, Décio Torres Cruz e Heloísa Prata e Prazeres

Coordenação Geral: Patricia Si Barreto

Coordenação Pedagógica: Jean Cardoso

DIRETORIA ALB

Presidente: Aleilton Fonseca

Vice-presidente: Edvaldo Brito

Primeiro Secretário: Carlos Ribeiro

Segunda Secretária: Heloísa Prazeres

Primeiro Tesoureiro: Nelson Cerqueira

Segundo Tesoureiro: Paulo Ormino de Azevedo

Diretor da Biblioteca: Armando Avena

Diretora do Arquivo: Edilene Matos

Diretor de Informática: Décio Torres Cruz

Diretor da Revista: Fernando da Rocha Peres

FICHA TÉCNICA DA ALB

Gerente Administrativo e Financeiro: Augusto Barreto

Gestão de Convênios: Patricia Si Barreto

Secretária: Marina Moreno

Produtora: Eliane Gomes

Assessoria de Comunicação: Nilma Gonçalves

Webmaster: Ricardo Soares

Designer: Tiago Rocha

Historiador: Bruno Rosário

Bibliotecária: Ana Lúcia Reis Fonseca

Assistente Administrativo: Valmiro Marques da Hora Filho

Auxiliar de Serviços Gerais: Fernando do Carmo Santos, Nivalva Alves Santos e Valmira Jesus da Silva





ISSN 1518-1766

A Academia de Letras da Bahia é mantida com apoio
do Fundo de Cultura do Estado da Bahia

Apoio Financeiro:

Fundo de cultura



**GOVERNO
DO ESTADO**

SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA
DA FAZENDA